



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

História

História de Vida







Tags

- [cidades](#)
- [telecomunicações](#)

História completa

PESSOAL

Nome e nascimento Meu nome é Rivalino Cândido Rodrigues, nascido em 26 de agosto de 1934, em Araguari, Minas Gerais.

FAMÍLIA

Avós Conheci só uma avó, da parte de mãe. Meus avós devem ser da região de Araguari mesmo. Os mais antigos era minha avó. Eu não me lembro assim dela falar de onde eles veio. Minha irmã mais velha fala que eles veio de um tal de São Francisco. Eu nem sei onde é esse São Francisco, que região era essa. O nome do pai da minha mãe era Jorge. E o pai de meu pai era José Cândido. A mãe de meu pai eu não sei. Acho que ela faleceu e ele era pequenininho também. A mãe da minha mãe, ela chamava Maria. Maria, mas não sei... eu acho que era Maria Joana. Pais Meu pai era João Cândido Rodrigues, minha mãe Jorgina Maria de Jesus. Meu pai toda vida foi agricultor, sempre trabalhou na lavoura. Ele possuiu terra, mas depois foi acabando. Com umas três mudanças que ele fez acabou tudo. Quando ele faleceu, não tinha nada mais. Ele vendeu umas terras que tinha no município de Araguari, foi para comprar umas terras em Goiânia e as terras, parece, eram meia enrolada. Acho que ele perdeu aquilo quase tudo e voltou, voltou pobre. Acho que ele não teve coragem de enfrentar a barra pesada que era lá. Irmãos Inicialmente, eu acho que era doze, mas faleceram muitos. Eu era pequenininho, nem conheci. Que eu conheci mesmo era em sete, mas o meu irmão mais velho faleceu também, eu tinha uns 6 anos. E os outros faleceu depois. Agora nós resta em quatro, eu e mais três irmãos.

BRINCADEIRAS

Primeira infância Lá na roça era muito divertido. Antigamente, qualquer brinquedo servia para menino. Desde nadar nos ribeirão, andar a cavalo, jogar futebol, tudo isso. Caçar passarinho, tudo era diversão. Embora tinha que trabalhar muito. Não sobrava muito tempo para diversão. A minha infância de criança foi muito ruim. Eu não tive muito tempo assim para brincar. A gente gostava mais era nadar. Era nadar nos ribeirão. Pescaria, por exemplo, eu nunca gostei. O meu pai faleceu eu tinha oito anos. Passou dois anos só a minha mãe faleceu também. Aí eu fui morar com parente, com irmã. Já não teve uma morada certa mais. É muito difícil a família ficar assim pequena e ainda sem pai. Eu era o mais novo. As outras já eram mais velhas, então, elas se virou mais bem. Eu também já tinha uma irmã casada e fui morar com eles na roça. Fui trabalhar na roça, município de Araguari. E aí moramos em diversos lugar, Capinópolis, município de Itumbiara, Santa Helena. Até que, quando eu entrei na CTBC, aí foi que eu parei, sosseguei mais. Casa da infância Depois do falecimento do meu pai, dois anos depois o da minha mãe, eu fiquei na casa dessa minha irmã que já era casada. Eu morei na casa deles, acho que uns cinco anos. Depois morei uns tempo na casa de um irmão, que o irmão também já tinha casado. Morei uns tempo na casa dele, depois morei uns tempo na casa de um outro cunhado. Isso já foi em Goiás. E na casa de outras pessoa que não era parente também. Morava uns tempos em um lugar, uns tempo em outro. E não tinha terra. Sempre morava em fazenda dos outros. Eu morei no município de Itumbiara. Nessa época, não morava com minha irmã mais não. E já era pessoal lá da região, lá mesmo de Itumbiara. Que só o último ano que eu trabalhei na roça, em solteiro, que eu morei de novo na casa desse meu cunhado também. De novo, município de Araguari. Um lugar chamado Barra Alegre. Depois eu vim para a cidade, entrei na CTBC e aí fiquei quieto. Essas mudanças era muito difícil, mas a gente levava tudo... parece que a vida era tão... Eu sempre fui um menino assim alegre. A gente trabalhava muito, não ganhava quase nada, mas levava a vida tranqüila. A minha sorte é que quando minha mãe morreu, eu já tinha essa irmã casada. E aí eu fui morar em casa de parente, mesmo com as briga, que nós às vezes brigava. Porque só tinha menino pequeno e eu não tinha muita paciência com os menino. Às vezes batia nos menino e ela ficava muito nervosa, mandava eu sumir. Mas depois voltava tudo às boas. Nessas mudanças todas não tem nenhuma casa que tivesse boa recordação ou gostado muito. Tem gente que põe amor no lugar que tá morando. Eu não sei se é porque a gente mudava muito, nunca panhei amor assim em lugar nenhum. Enquanto o meu pai era vivo, que eu lembro pouco dele, nós morou em Indianópolis, depois veio para Araguari, mas ele já veio muito doente. E depois que ele morreu, a minha mãe, também pobre, morou em diversas casas em Araguari e, depois, na roça era a mesma coisa. Então não tenho lembrança assim de saudade de nenhum lugar não. A gente pensava fixar num lugar, mas nunca que dava certo. Porque, enquanto estava solteiro, o lugar que estava dando mais certo eu ia ficando. No momento que a gente foi ficando mais velho, aí já fui pensando: "Pois eu preciso dar um jeito de sossegar em um lugar, dar um jeito de casar e ficar quieto". Porque não tinha nem pai, nem mãe, não tinha uma residência fixa. Então eu já comecei a pensar em parar. Casamento A minha esposa, nós é primo. Nós somos primo primeiro. Conhece desde criança. Nossas mãe era irmã. Foi acontecendo. Era uma família boa, uma moça muito boa, então pensava... era boa para casamento. Uma pessoa que a gente já conhecia. É aonde nós... e foi até que deu certo, nós casamos. Eu já trabalhava na CTBC. Eu casei em 1960. Eu saí da CTBC em 1961. No dia do meu casamento eles me deu férias, que eu já estava trabalhando já um tempo e ainda não tinha tirado férias ainda. Eles me deu férias para o casamento. O dia do casamento foi simples. Casamento simples, não teve nada de especial não. Casei na igreja matriz lá de Araguari. Nem sei o nome daquela igreja.

EDUCAÇÃO

Estudo Eu freqüentei escola enquanto a minha mãe ainda era viva. Fiquei dois anos só na escola. Era o Colégio São Luiz, em Araguari. Hoje não existe esse colégio mais. Lá tinha umas freira. Tinha a irmã Coleta que foi a minha primeira professora e tinha mais umas outras, Astrogilda que era muito boa professora. O tempo foi muito pouco, só dois anos. Uns tempos atrás na CTBC, nós tinha uma aula lá para quem quisesse estudar, quem estudou muito pouco. Aí nós estudamos mais uns mês. Era na própria CTBC mesmo. A hora que a gente parava o serviço à tarde, aí estudava até lá para as 21 horas. Eu aprendi mais um pouquinho.

CORPORATIVO

Lavoura Na casa da minha irmã, INFÂNCIA=> minha função era trabalhar na roça mesmo. Plantava. Era arroz, milho e feijão. Era as três cultura que mais plantava naquela época. Eu sempre trabalhava para os outros, só ajudando os outros. Esse meu cunhado mesmo, eu ajudei ele a criar a família dele porque os menino dele era tudo pequenininho ainda e eu já com oito anos na roça ajudava muito. Que uma criança de oito, dez anos, na roça ajuda muito. Era aprender de arar chão com boi, arar terra com boi, plantar. Plantava, usava a plantadeira de animal também e da capina até a colheita, tudo. Para criança dessa idade é um trabalho pesado. Mas naquela época... Hoje em dia é que eles fala isso, que é até proibido. Mas quem era pobre tinha que trabalhar mesmo. Não tinha jeito e menino homem, por exemplo, na lavoura ajudava muito. Eu sempre trabalhei muitos anos na lavoura, mas ajudando os outros. Para mim mesmo, quando eu era solteiro ainda, fazia muito pouco. Trabalhava sempre era em terra de outros. Trabalhava de a meia. Meu cunhado trabalhava de a meia. O dono dava a terra e dava os boi, o arado para arar a terra e, igual meu cunhado, plantava e era a meia. No fim, na colheita, partia no meio. Era bom. Tinha muita fartura. Pelo menos fartura tinha. Naqueles época não tinha muito valor as coisas. Se criava galinha, se fosse vender frango na cidade, quase não compensava levar porque era baratinho, não compensava. Então a vida era essa. Esse meu cunhado nunca teve terra. Nunca possuiu terra. Ele trabalhava uns tempo na terra de um fazendeiro, depois passava para outros. É assim, onde estava dando certo ficava. E eu acompanhava. Ele mudava muito de casa também, não parava muito tempo, igual a cigano. O nome dele é Jovino e minha irmã é Isaura. Jornada de trabalho A gente levantava cedo, bem cedo. O sol saindo a gente já levantava, tomava um cafézinho fraco, que nem um leite não tinha, e ia trabalhar. Almoço ali para as 9 horas. Ali para as 14:30 vinha a janta e, depois, à noite, tomava a jantar. Era três vez ao dia. Quando a roça era perto, na porta, fazia as refeições era em casa mesmo, mas muitas vezes a roça era longe. Aí tinha que levar a comida. Levava almoço, depois levava a janta, era assim. Chegava quente ainda, porque sempre era de cavalo ou mesmo quando era de a pé não era assim muito longe. Então a comida chegava quente ainda. Mistura na roça era a coisa mais difícil. Quando tinha abóbora era abóbora; era um molho de macarrão. Comia carne quando matava um porco, de meses em meses. Carne de vaca nem se via. Quase ninguém comia carne de vaca. Era muito difícil. Passava muito mal de boca, alimentava muito mal. O básico era o arroz e feijão, ovos, algum frango algum dia. Era isto. Era comida muito fraca para agüentar aquele serviço, que era tão difícil. A gente trabalhava descalço, nem botina a gente não tinha para calçar. Era desse jeito. Ingresso na CTBC Na CTBC eu comecei em 1958. Eu vim para cidade e emprego não existia. Vim para Uberlândia por causa de trabalho. Já estava cansado de trabalhar na lavoura, então vim tentar na cidade, qualquer serviço que achasse. Mas emprego era muito difícil. Eu vim foi na época que a companhia estava fazendo esse asfalto aqui de Uberlândia para o lado de Itumbiara. Eu fui na firma lá no Trevão para arrumar serviço. Arrumei, mas eu vi lá os alojamento, o jeito que era, tinha que pousar no meio daquele povo. Esse pessoal tudo estranho, aí vim de lá com intenção de voltar para a roça de novo. O povo fala muito de desemprego hoje, mas

toda vida foi isso. Aí tirei meus documentos, carteira de trabalho, que naquela época só tirava em Uberaba. Cheguei aqui em Uberlândia e fui batalhar emprego, mas muito difícil. Eu tenho um cunhado que era parente do empresário Simonides Netto. Quando cheguei aqui em Uberlândia, o meu cunhado falou que o Simonides tinha arrumado o emprego na CTBC com Alexandrino, serviço para mim. Mas arrumou assim... o Alexandrino prometeu para mim trabalhar uns dia. Falou: "Manda para cá para trabalhar uns dia. Não garanto". Que quase não tinha serviço. E aí eu trabalhei três anos. Depois eu casei em 1960 e não parava em casa. Serviço muito difícil, vinha em casa fim de semana, tinha dia de domingo que a gente estava dormindo eles já chegava chamando a gente para trabalhar. Aí eu saí, resolvi sair e voltei para a roça de novo, para a lavoura. Saída da CTBC Fiquei três anos. Entrei em 1958 e saí em 1961. Aí eu pedi conta e saí. O Alexandrino não segurava não. Já antes, uns dias, eu vinha... foi até que chegou um fim de semana, em um sábado, aí eu resolvi pedir conta. Mas é porque eu já estava cansado. E nesse sábado eu já tinha combinado com o chefe, que era um tal de Nelson, chefe aqui em Uberlândia. Nessa época eu estava trabalhando na cidade, eu não estava trabalhando nas linha física não. Eu ia casar um cunhado em Araguari. Tinha até comprado as passagem para ir e combinado com esse Nelson que eu ia trabalhar só até o meio dia no sábado. Falou: "Tudo bem, combinado". Aí mandaram eu ligar um telefone no Edifício Tubal Vilela, já era 11 horas e era muito difícil. A tubulação estava cheia para passar o fio, ia demorar demais; aí eu avisei para o Nelson que não ia dar para mim fazer o serviço não. Porque se eu mexesse, não ia ter... Depois é que eu fiquei sabendo que o Alexandrino estava de pareia com ele, junto com ele. Na hora ele: "Não, é para fazer, é para fazer, não é para deixar sem fazer não". E eu já estava com vontade de sair, falei: "Quer saber, então vocês manda outro vim fazer que eu não vou fazer não. Eu vou sair". Aí eu fui, entreguei o caminhão na CTBC e passou uns três dias eu voltei lá na CTBC só para acertar e saí. Aí eu fui para a roça de novo. A minha sogra tinha um sítio no município de Araguari, eu fui para lá. Eu fiz uma casinha lá no sítio dela e fui tocar a lavoura. Morava no sítio da minha sogra, mas fui tocar a lavoura com outras pessoa. Na roça, fui plantar arroz também, milho. Naquela época, essa região aqui abastecia a região toda de arroz. Não precisava nem arroz de outros lugar não. Município de Araguari, Indianópolis, Nova Ponte... era muita lavoura que tinha. Quer dizer, não fazia muita coisa, mas dava para viver quando o tempo corria bem, quando não vinha o sol e estragava a lavoura. Porque lavoura tem isso, você planta e às vezes chove aí uns três mês - porque naquela época, os arroz era cinco mês que levava, desde a planta até a colheita. Então, depois se desse oito dias de sol perdia tudo. Mas eu sempre tive sorte. Graças a Deus nunca perdeu. Nunca plantei muita coisa também não. Era só eu. Eu estava com a vida boa, mas depois já vem os filho. E morando na roça, os filho precisava escola, precisava estudar e se eu fosse ficar na roça ia ser muito difícil. Ia acontecer com eles igual aconteceu comigo, não estudar. Trabalhei na lavoura mais cinco anos, e resolvi voltar para a CTBC de novo em 1966. No início eu sentia saudade da CTBC, porque o serviço na lavoura era muito mais pesado, muito difícil, além de passar muito mal. A comida muito fraca, e ainda serviço muito pesado. Sentia falta no início, mas nem tinha intenção de voltar não para a CTBC. Depois, voltei para a cidade, para Araguari, mas emprego não existia também não. Falei: "O jeito é voltar para a CTBC". Aí telefonei para o Dr. Luiz e ele disse que qualquer dia que eu quisesse vim, eu podia vim. E aí eu voltei de novo, trabalhei mais um tempão. Reingresso na CTBC Tratei da volta foi com o Dr. Luiz. Ele já era formado. O Dr. Luiz me conhecia. O Dr. Luiz era um amigão também, desde solteiro nós... Eu acho que eu casei primeiro do que o Dr. Luiz. Na época que eu saí, não sei se ele estava estudando ou fazendo algum curso no exterior... Eu tenho a impressão que se ele tivesse na época aqui era capaz que eu nem tinha saído. Porque eu perdi muito com essa saída da telefônica para ir para a lavoura. Porque depois eu comecei de novo, salário já muito baixo. Na época que eu saí eu estava ganhando até bem. Depois, comecei de novo, o salário muito baixo; para melhorar que foi difícil. Eu acho que o Sr. Alexandrino não guardou muita mágoa não, porque nós andava discutindo bastante naquela época atrás. Que depois eu fiquei trabalhando aqui dentro da cidade uns tempo, transportando gente. Foi uma época que entrou muita gente na CTBC para trabalhar ampliando as redes. Eu tinha que levar uma turminha para um lado, uma turma para o outro, e o Alexandrino de cima. Às vezes a gente ficava muito irritado, nós discutia. Então, estava meio desgastado. Aí, eu saí uns tempos, depois voltei, voltei numa boa. Já o Simão começou mais tarde, não foi no início. Quando o Simão começou, a CTBC já estava bem grandinha. Agora, eu comecei a CTBC não tinha nada, era pequenininha, só tinha dois veículo. Quando eu trabalhava na cidade, porque eu trabalhava também em instalação, telefone, a gente saía era a pé carregando a escada. A gente saía sempre de dois carregando escada, fio, aparelho telefônico, ferramenta. Tinha vez que a gente saía da João Pinheiro aqui ia lá na ponte do Vau saindo ali para... A gente ia a pé carregando escada. Era difícil. E não era só nas linha física, nas estradas que era difícil não, o setor urbano também era difícil.

CTBC

Equipos Eu voltei na função de construtor de rede. Trabalhei só mais uns dias com o Chiquinho de novo, lá no Estado de São Paulo, mas aí o Alexandrino mandou eu vim para descer para Campina Verde, Iturama, para fazer rede lá. As rede de Iturama até Paranaíba, Mato Grosso, foi eu que fiz. Eu voltei e fui para lá. Mas eu já tinha três filhos, levava a família. Alexandrino falou: "Você pode levar a família, lá tem casa para você ficar, fica à vontade". Eu fui para Iturama e às vezes eu passava três, até quatro mês, sem vim aqui em Uberlândia. A família ficava em Iturama. O serviço a gente trabalhava na estrada, nos matos, mas toda tarde voltava. Eu estava lá com o Chiquinho. O Chiquinho tinha uma equipe no estado de São Paulo, aí ele ligou que era para mim vim embora aqui para Uberlândia para pegar um caminhão e descer para Campina Verde e Iturama. Dessa vez em diante a gente foi direto, era diário uma turma. Arrumei uma equipe fixa da CTBC e, para todo lado que eu ia, eu levava o pessoal. A CTBC dava casa para gente morar. E os peão morava tudo junto ali. Aí ficou mais fácil porque os peão já apanhava prática. Era melhor. Ajudava mais na construção porque, no início, por exemplo, era só eu que sabia fazer o serviço. Então tinha que ficar mandando todo mundo e eu que tinha que pegar no pesado. O dono do boi é que pega no chifre. Sobrava mais para mim, porque ninguém sabia fazer nada. Tinha que mandar furar um buraco ou... mas não sabia fazer, alinhar um poste, a hora de passar os fio, para regular um fio, para ficar tudo certinho. Era difícil.

EXPANSÃO

Expansão Eu era então responsável por uma equipe. Fui trabalhar na prefeitura de Iturama, que dava os peão; era por conta dela. No início, até o caminhão. Mas como a prefeitura lá só tinha um caminhão velho naquela época, eu trabalhei umas duas semana, telefonei para o Alexandrino falei que não tinha jeito porque eles levava a gente, deixava na estrada, depois não tinha como buscar, era difícil. Aí ele mandou um caminhão para ficar comigo lá. Essas equipes não eram muito grandes não. Era sempre a média de onze, doze. Trabalhava sempre com essa média assim. É porque era tudo na mão. Naquele tempo não tinha esses caminhão Muck. Era tudo na mão. Carregar os poste era no ombro. Hora de levantar os poste era tudo na mão. Quando você lá mexer com cabo ou bobina de cabo, aquelas bobina muito pesada para pôr em cima do caminhão, era tudo na mão. Era muito difícil aquela época as construção. Não tinha asfalto não. Depois já começou. Quando eu entrei em 1958 não tinha asfalto para lado nenhum aqui ainda. Era tudo estrada de terra. Era difícil, principalmente quando chovia. Segurança no trabalho Não tinha proteção... calçava essa botina simples, mateira mesmo. Naquela época, a telefônica não dava equipamento nenhum para a gente. Porque, por exemplo,

certo era usar umas bota que pegasse bem em cima, para evitar cobra. Mas não tinha não. Tinha gente que a gente arrumava para trabalhar que ia até de chinelo. No primeiro dia que ele ia de chinelo, falava "não, isso aí não tem condição não". Alguma vez ia de tênis, eles mesmo de tênis não podia, que se pisasse em uma ponta de toco machucava. Nós sempre morava na cidade. Trabalhava no campo ali, na estrada, mas sempre morava na cidade. Aí quando o serviço ia ficando longe, já levava o calderãozinho, a marmita cedo, na hora que ia para o serviço. O cozinheiro já tinha que fazer o almoço ali cedinho, e quando a gente saía levava o almoço pronto. E aí na hora do almoço, 11 horas, esquentava lá no meio do matto mesmo. Fazia um fôguinho e esquentava. O perigo maior era cobra. É o que mais tinha. Graças a Deus, cobra nunca mordeu nenhum de nós não. Tinha marimbondo também, isso era direto, abelha europa. Ah, quando via já estava era ferruando. Tinha que dar um jeito de tirar. Fazia uma fumaça. Sempre tem aquelas pessoas que não tem medo. Enfrentava, por exemplo, abelha europa. Aí, arrumava uma pessoa, ela ia lá, cortava aquele pau, onde tinha as abelhas, tirava, para depois a gente passar. Agora, marimbondo, ia roçando e só via quando mandava a foíce... o marimbondo fervia nele. Não tinha jeito. O maior risco que eu já passei foi de atravessar o fio, o cabo, no rio Paranaíba, lá na divisa de Minas com Mato Grosso; atravessar a rede para Paranaíba, no Mato Grosso. A primeira vez quando a gente fez a rede o rio era estreito, atravessou fácil. O rio era estreito, com uma canoa boa motorizada a gente deixava a bobina de cabo no barranco e pegava a ponta e levava. Mas era rápido, em um instante saía de cá e já amarrava lá no poste porque senão a água ia levando. Mas depois fizeram a barragem para baixo e lá inundou tudo. Então ficou muito largo. Aí, eles montou uma torre do lado de Mato Grosso e a outra para o lado de Minas, que era para gente passar os cabo da rede que funcionava lá. Mas aí a companhia que deixou essas bobina deixou uns cabo de aço muito grosso, muito pesado. E no dia que a gente foi atravessar esses cabo a balsa grande que tinha lá não estava funcionando. Aí arrumaram uma lancha velha. Ela era grande, cabia umas vinte pessoa, mas já estava muito gasta. E nós foi tentando. Inclusive, um dia antes o Alexandrino e o Dr. Luiz esteve lá na beira do rio. Eles mesmo olhou lá, e achou muito difícil; falou: "Rivalino, vê o que você pode fazer". E vieram embora e nós foi tentar. Nós pegou, amarrou esse cabo para atravessar. Mas quando faltava uns 100 metro para chegar no barranco de lá, a balsa não dava conta de arrastar mais aquele cabo. Quanto mais ele forçava, ele ia descendo rio abaixo. E o meu medo, porque ela era velha, era dela arrancar uma tábua ali amarrada naquele cabo; se arrancasse uma tábua ali, nós morria todo mundo afogado, porque aí ela afundava. Essa vez foi o momento mais difícil que eu passei e de muito medo. Acho que nós estava em uns seis dentro dela e já tinha algum do outro lado, para ajudar quando chegasse. Mas só que eles não tinham nada de lá para jogar para nós, para ajudar. Aí, o que eu fiz: a hora que eu vi que a lancha não dava conta de arrastar mais, eu soltei aquele cabo de novo e eles arrastou ele para trás de novo, para depois nós tornar tentar outro dia. Soltei o cabo da lancha, desamarrei da lancha, para o pessoal que estava no barranco puxar de novo de volta, para nós deixar a lancha livre, porque não adiantava que ela não dava conta de puxar mais. Que já no momento que ela desceu na água, ele já afundava. Ficou muito pesado, o motor da lancha não tinha força para puxar. Puxou até uma certa distância, mas quando faltava uns 100 metros não ia mais. Foi possível recuperar o cabo. Puxou para trás, enrolou ele de novo e depois é que foi pedir ajuda em Paranaíba. Aí eu já preveni muita corda porque eu já sabia, a hora que dava aquela distância, já vinha uma outra pessoa com uma canoa encontrar. Com a corda que nós amarrou na lancha, e eles ajudando, a gente conseguiu. Era para passar quatro cabo, eu passei só dois, não quis arriscar mais não. E ficou com aquele só. Tive que usar a mesma lancha, era a única que tinha. Acidentes De vez em quando alguém despencava do poste. Chegou a cair algum, umas vez, mas não machucou nada grave não. Não era muito prático; a espora escorregava e os braço não resistia o peso e descia. Não teve alguém que se machucou muito com essa espora não, caindo do poste. Comigo, que acidentou uma vez foi com choque. Choque de alta tensão. Nós fazia essas rede de fio nu. Entrava dentro da cidade cruzando com as rede de energia. O maior perigo dessas rede era esse. O caso dessa vez foi em Franca no Estado de São Paulo. A companhia desligava a energia para a gente passar os fio; na hora que ia arrastar os fio em cima das cruzeta, desligava. Depois que passava, a gente esticava os fio, os fio levantava, aí eles ligava a energia de novo. Mas a alta tensão não, aquela ficava ligada. E sempre tem alguém descuidado. O pessoal lá em cima do poste, trabalhando, regulando e amarrando os fio, e um desses, distraído, pegou, suspendeu o fio com bambu e era em uma travessia de rua; encostou aquele fio na alta tensão. Aí era três que estavam lá em cima dos poste; queimou as mão tudo, as pernas. Em cima de um poste de ferro, um encosto de energia era fatal. Sorte que ninguém morreu. Eles ficou preso lá em cima porque eles subia, engarranchava em cima da cruzeta, que era comprida, de dois metros e meio. Então a ponta dela ficava muito longe. Uma pessoa pequena, por exemplo, subia, engarranchava, mas o braço dela para alcançar lá na ponta para amarrar aquele fio ficava difícil. Então eles engarranchava lá em cima e ficava para chegar mais perto. Aonde ele não caiu. Tinha um que era meu sobrinho, esse desmaiou lá em cima, ficou desmaiado lá. Só depois que eu subi para tirar ele que eu vi que ele estava vivo. Senti que o coração dele estava batendo. Aí nós desceu ele. Era bem perto do hospital e não morreu não. Era muito perigoso. O perigo dessas linha física mais era esse. O pessoal da Cemig, por exemplo, se eles vai mexer em uma rede, eles sabem que ali é energia, então, eles desligam e vai com cuidado. Agora nós não. Nós entrava na rede. Por exemplo, vem a rede de linha física até na porta da CTBC; ali descia na Machado de Assis e vinha até na porta da CTBC. Tinha outros que vinham do lado da avenida Goiânia até na porta da CTBC. Vinha cruzando muito fio de energia. Se eu tivesse em cima de um poste trabalhando e um caminhão batesse num poste de energia e o fio caísse em cima, atingia a gente. O próprio raio mesmo. E se você estava trabalhando em uma rede e cai um raio lá no Monte Alegre afora, atingia a gente que estava aqui mesmo. Pagamento Quando eu estava precisando de material, ligava aqui em Uberlândia e eles mandava. Agora lá era eu que se virava, eu que arrumava os peão para trabalhar. Se não prestasse, eu mesmo dispensava. O pagamento deles, no fim de semana, eu passava o ponto aqui para Uberlândia. Esse passava para cá, onde eu tivesse, tinha que passar para cá. Passava o nome de todos, os dia que trabalhava, as horas extra, porque nós fazia muita hora extra. Depois é que eles mandava o pagamento para eles. Passava por telefone. Eu passava para eles o controle da equipe, hora extra, e eles mandava para mim já o envelope de cada um, ia na minhas mão. Eu que passava para cada um deles e eles assinava a folha. Já ia um para cada um assinar, assinava e devolvia. Eu tinha um caderno. Eu já anotava o nome de cada um e todo o fim de semana a gente passava. Já passava na sexta feira à tarde. Funcionava bem. E depois eles mandava pelos malote. Eles chegava lá e já era entregue para mim mesmo. Era eu que fazia o pagamento para eles, no local lá. Era muita responsabilidade. E agüentar as choradeira. Tinha aquelas pessoa que às vezes falhava, depois achava ruim a gente descontar o dia. Mas é essa complicação. Às vezes a gente passava as horas extras, eles não pagava todas. Aí a reclamação toda vinha por cima de mim. Se precisasse casa, era tudo na minha responsabilidade; eu que tinha que alugar a casa para nós ficar, fazer o pagamento, pegar os recibos e depois, quando eu vinha aqui em Uberlândia, é que eu ia acertar. Acertar na CTBC. Manutenção Trabalhei em muitas que eu tinha construído. Porque ia apodrecendo as cruzeta, os isolador iam quebrando, a gente tinha sempre que estar dando manutenção. O povo já começou a ir roubando fio, o lugar que eles roubavam o cobre, a gente já punha alumínio e já foi modificando.

TECNOLOGIA

Postes Os postes de trilho eram mais fracos assim com o vento. Quando dava essas ventania muito forte derrubava muito; porque eles pesava

muito mas eles é fino. Eles no sentido assim sozinho é mais forte, mas assim no correr da linha era mais fraco. Eles enverga à toa. As cruzeta cheia de fio, ficava muito pesado. Se pega um vento forte de lado, se quebrasse um poste, cedesse, aí os outros iam tudo cedendo. Acontecia de cair muitos postes assim de uma vez. O de ferro era bom assim... porque o raio não estragava eles. Mas tinha esse problema quando ventava muito, costumava derrubar. Eles eram mais fraco, pesava quando dava aquelas tempestade muito brava, que derrubava até 100 postes assim de uma vez. Uns quebrava em três pedaço, outros só entortava. Era difícil por isso, mas era melhor que de aroeira, porque aroeira caía muito raio também. Nessas linha que é de poste de aroeira caía raio de estourar às vezes muitos poste de uma vez também. Aí, a gente tinha que trabalhar quase dia e noite até pôr aquilo funcionar, que um circuito que parava daqueles, parava doze, por causa de uns equipamento ligados neles. Aí tinha que pôr para funcionar logo; passava uns fio provisório, esses fio encapado que usa na cidade, esses fio drop. Quando ela caía a gente ia naquele trecho que caía, porque aí os fio arrebetava tudo, embaraçava. A gente isolava aquelas parte e passava aqueles fio no chão mesmo para ir funcionando até repor a linha de novo. Funcionava. Ia fazer isso em qualquer tempo, era debaixo de chuva, era de tudo. Geralmente, caía quando estava o tempo chuvoso. O poste de trilho, se fizesse uma base de concreto no pé dele, então ele ficava mais forte. Porque era muito fino e pesado, então com o vento ele cortava a terra, a terra dele não aguentava, cedia e tombava. Tinha os equipamento que mostrava onde caiu a rede. A própria mesa lá no DG, no Centro de Distribuição, media. Tinha mesa que já media as distância; se uma linha fechava em curto, por exemplo, se encostasse um fio no outro, então media, já sabia mais ou menos a distância. Às vezes variava ali uns 500 metros, 1 quilômetro, mas a gente podia ir sim. Mas se era muitas linha que tinha dado defeito, tudo de uma vez aí já podia ir sabendo que tinha era caído poste mesmo. Quando dava só em uma linha, a gente ia saber que era uma só, mas quando parava tudo, já podia ir sabendo que tinha dado vento e derrubado. Esse tempo de manutenção era na cidade, mas eu continuei nas roça mesmo. Olhava os telefone das fazenda. Não é que eu gostava não, é que eles punham eu para fazer. É porque eu tinha prática na construção, porque se pusesse um desses que trabalha na cidade, na rede, pusesse eles para sair caçando um defeito em uma linha física, eles não achava nunca. É muito difícil. Na manutenção era só eu e mais um outro companheiro. Nós trabalhava em dois. Só no fim de semana de plantão era só um. Um fim de semana eu ficava, no outro ele ficava. Rede Hoje é muito mais fácil. Porque quando eu saí, quando eu aposentei, é que estava começando o celular aqui em Uberlândia. Mas a gente mesmo não usava. Eu saía para os mato aí não tinha um celular. Enquanto eu não achasse o defeito da linha, na rede que eu estava procurando, eu não tinha como comunicar aqui em Uberlândia. Só depois que solucionasse o defeito. Se desse um problema no carro ficava difícil. A CTBC está tão diferente. Acho que ela emprega mais hoje é só parte técnica. Para esse serviço de rede, essas coisa, acho que nem existe mais. Agora, a pessoa que vai começar hoje, geralmente, já tem estudo, tem curso. Então para eles acho que é mais fácil. Serviço público Mas tem umas histórias simples. Umas coisas simples mesmo daquela época. As dificuldades que era, o tanto que era atrasado a comunicação. Então a gente ficava satisfeito quando eu levava uma linha até chegar na cidade ali, que ligava as pessoa. Às vezes conseguia a primeira vez falar, aí a gente ficava satisfeito. O serviço dava muito trabalho, mas ficava satisfeito. Igual quando eu levei a rede até Paranaíba, Mato Grosso, cheguei com ela na beira do rio Paranaíba e então lá eu deixei a ponta. O Alexandrino apareceu um dia lá, eu estava morando no Carneirinho, para lá de Iturama; apareceu ele e o Sr. João Alves. Já de tardezinha, já escurecendo, quis ir comigo à noite lá na beira do rio, lá no porto, Porto Alencastro, para ele pegar, pôr o telefone na ponta da linha lá e falar com o Dr. Luiz aqui em Uberlândia. Então, a gente está satisfeito. Quando chegava então com a linha na cidade, que o povo conseguia falar a primeira vez, era bom. Eu achava bom porque também se eu ficava naquele lugar, ficava isolado. Não tinha como eu comunicar com a minha família, nem eles comunicar comigo. Era mais difícil, as estrada muito ruim. De Iturama para baixo, se chovesse tinha uns local que a gente não passava, não tinha como passar. Foi difícil, mas foi bom. Passou. Folgas Trabalhei cinco anos na CTBC sem tirar férias, direto. E a gente, naquela época sempre trabalhava um fim de semana e o outro não. Naquela semana que eu estava no local, a gente trabalhava no sábado o dia todo. E tinha dia, às vezes, que a gente trabalhava no domingo até às 12 horas. Isso era assim direto. Trabalhei cinco anos sem tirar férias, desse jeito. O dia que vinha em casa... muitas vezes quando a gente estava trabalhando longe, igual na época para o lado de Pará de Minas, já tinha que ficar na beira da rodovia à noite no dia de eu vim embora, esperando o ônibus que vinha de Belo Horizonte. Mas, na maioria das vezes, ele já vinha cheio. A gente vinha em pé, vinha em pé à noite, muitas vezes de Luz até Uberaba, outras vezes até Patrocínio em pé no ônibus que não cabia. Isso foi muito desgastante. Isso foi muitos anos assim Mas tinha que vim para matar saudade de casa. Tinha família. A mulher que ficava cuidando dos filhos. Meus filhos foi educado, mas foi quase só com ela, porque naquela época que eles eram pequeno, eram menino, eu trabalhava só fora, vinha em casa de quinze em quinze dias. A mulher reclamava coitada, mas fazer o quê? Se sáisse, eu não arrumava outro emprego. E nessas folgas não descansava nada. A gente cansava mais porque a viagem desse jeito, cansa muito mais. A gente vinha, chegava em casa no sábado, às vezes de madrugada ou cedinho, porque aqueles ônibus que vinham de Belo Horizonte sempre chegava cedinho. Tinha vezes que chegava aqui em Uberlândia - que eu morava em Araguari naquela época - ainda tinha que esperar cedo para ter o primeiro ônibus que ia de Uberlândia a Araguari. Tinha que ficar na rodoviária até aquela hora. Aí ficava em casa ali, o sábado, domingo. Domingo à noite já tinha que pegar o ônibus de novo de volta para quando fosse segunda cedo já estar lá no serviço. Porque se não tivesse, o pessoal ficava tudo à toa lá, eles não trabalhavam enquanto eu não chegava. Aposentadoria Quando foi acabando a linha física passei a trabalhar só aqui em Uberlândia. Aí não viajei mais. A família achou bom. Porque a gente estava em casa todo dia. Aí eu morei alguns tempo em Araguari, vinha e voltava, mas estava ficando difícil e mudei para cá. Eu acho que foi em 1983. Eu aposentei em 1994. Saí da CTBC em 1991, trabalhei três anos na Engeset e aí aposentei. Saí da CTBC porque a CTBC acertou com todo mundo. Foi acabando, diminuindo os quadro de funcionário, mas aí passou para Engeset que era o mesmo grupo. A gente saiu, acertou na CTBC hoje, amanhã já começou na Engeset. Só mudou de firma. E na Engeset fazia o mesmo serviço. Era manutenção de rede, linha física; olhava telefone rural. Depois da aposentadoria mesmo não mexi com nada mais não. É descansar mesmo. Hoje em dia está só eu e minha esposa. Meus filhos já casou. Casou tudo novo. Teve um que trabalhou na CTBC, na área de ar condicionado. Mas saiu também nessa mesma época. Agora tem dois que mora em Brasília, tem dois que mora em Araguari e tem um que mora aqui em Uberlândia. Meu dia-a-dia hoje é comer, dormir... Não mexo com nada mais. Saio de casa muito pouco, só por precisão mesmo. De vez em quando dou uma caminhadinha assim, para não ficar muito parado. E é isso. Os amigos não vi eles mais depois que eu me aposentei. Só vi o José Simão um dia, mas nós encontrou por acaso, no banco.

TECNOLOGIA

Postes de aroeira Eu entrei de ajudante, ajudando a puxar poste. Puxar poste de aroeira. Nós buscava poste nas fazenda, em Goiás, já para construir as rede de linha física. Entrei como ajudante junto com o Chiquinho, que eu falo que ele foi meu professor. Aí, com o Chiquinho, ele me ensinou a dirigir caminhão, aprendi, tirei a carteira de habilitação, aprendi também a construção de rede e fiquei. Entrei para trabalhar uns dia e fiquei três anos naquela época. Nós buscava poste aonde tinha. Buscava lá em São Simão. Não tinha ponte. Nós dava volta. Era tudo estrada de terra, dava volta ali pelo Porto do Gouveinha, ia lá em Quirinópolis e voltava para São Simão. Pegava poste lá em São Simão; e Goiás e Joviânia.

A gente buscava os poste de aroeira para as construção de rede. No início foi assim. Depois, passei a trabalhar na construção mesmo de rede. Para buscar os poste, chegava e tinha vez que a gente pousava lá. Naquele tempo era Paranaiguara. Se chamava Mateira, naquela época era Mateira. Era onde nós buscava os poste. Era juntinho ali com São Sinão. E aí, à noite... era nossas farinha, tomava uma cervejinha. Era uma vida até alegre. Era bem melhor do que na lavoura. Eu gostava bastante. Aonde desse para almoçar, jantar, nós fazia as refeições. Para dormir tinha aquelas pensão de beira de estrada. Tinha vez que a gente ia, pousava na beira do rio Paranaíba no Porto Gouveinha. Às vezes tinha que pousar na beira, se a gente chegasse à noite, ali para as 19 horas, a balsa já não funcionava mais. Aí a gente tinha que pousar ali na beira do rio, mas tinha dormitório, tinha lugar de dormir. Quando saía para as viagens, as instruções era só o Sr. Alexandrino que dava. Quem mandava era só ele mesmo. Os postes tinha que ser o mínimo... a ponta deles tinha que dar uns 15 centímetros a grossura. Era o mínimo. Muito fino não servia. O mínimo era 7 metros de comprimento. Era de 7 acima. O mínimo era 7, não podia ser menos também, senão ficava a rede muito baixa. E não tinha muito madeira não. Era umas madeira muito ruim. Uns postes muito torto. Era meio difícil achar madeira. Depois a CTBC pegou usar esses trilho de ferro, eles comprava da Companhia Mogiana e usava aqueles trilho para fazer postes para as redes. A madeira da aroeira era boa, só que os poste eram muito torto. Era às vezes grosso, torto, era muito difícil de trabalhar com eles. Não era uma madeira assim certinha, tipo de eucalipto, que dá aquela madeira certinha, bom para trabalhar, bom para fazer o alinhamento da rede, aprumar. Os poste de aroeira, geralmente, vinha muito torto. Era difícil de trabalhar com eles. Refugava era só quando era muito ruim, porque tinha vez que eles estavam precisando tanto dos poste que a gente trazia poste até ruim também. A gente era obrigado a trazer. Postes de trilho Mas os poste de trilho da Mogiana eles compravam, na época que a Mogiana começou a trocar os trilhos, tirando aqueles trilhos velhos, mais fino e fazendo a rede nova, pondo aqueles trilho mais grosso, mais longo, mais comprido... aí aqueles trilhos velho era uma média de nove metros de comprimento e a CTBC comprava e aproveitava esses para fazer poste. Furava ele já no ponto de colocar as cruzetas, que era para passar os fios e a gente usava eles como postes. Inclusive, depois, a maioria das redes delas era todo com trilho. Daqui a Ribeirão Preto tudo era poste de trilho, trilho de ferro. Essas rede daqui, de Itumbiara, depois passou a ser tudo poste de trilho de ferro. Quando começou a usar o poste de trilho melhorou o serviço. Parece que rendia mais. Quando você pegava um trecho reto, por exemplo, que a terra não é muito dura, então rendia muito. Os poste de trilho era mais fácil de trabalhar com eles. Eles já vinham furado. Era só colocar a cruzeta e parafusar. Já o de aroeira, não. A gente tinha que furar para colocar a cruzeta. Quando era cruzeta, muitas vezes, no início, as primeira rede só colocava um isolador de um lado e outro de outro, uma roldana. Roldana de um lado e do outro, então tinha que furar um buraco de um lado, um buraco do outro, além de furar buraco já para a cruzeta. Colocava a cruzeta e já estava pronto e não seria preciso de furar, depois dele fincado, no alto. Isso fazia lá no local. Para furar, para o parafuso, para cruzeta, a gente usava um trado. E para parafusar a mão francesa da cruzeta embaixo era o arco de pua. Arco de pua você coloca a broca nele ali, aperta, você firma ele aqui e roda ele. É o arco de pua. O peso dos postes de trilho era maior do que da aroeira, mas era é melhor para carregar porque era retinho. A gente carregava de quatro, dois de um lado e dois de outro, nas ponta dele. Aí o meio ia balançando porque ele é mole. Mas era mais prático; você forrava bem o ombro e tinha que se forrar bem porque, com o sol quente, os poste ficava no chão ali, ficava igual a um forno; não aguentava pegar eles, esquentava tanto. Até para pegar neles você tinha que arrumar um forro, um trem qualquer. Você pegava e forrava bem o ombro e ia para o mato afóra. O que era mais alto sofria mais. O peso ficava em cima dele. A hora que dava naquela lombada, tinha hora que o peso ficava em cima só de um, outra hora do outro, era mais fácil. Já o poste de aroeira, ele é muito torto, cheio de curva, então era muito difícil de carregar. Quando saía para carregar um poste até o lugar da cova dele, ia direto. Tinha que ser direto. Tinha lugar que nós carregava poste até uns 500 metros. Eu fiz uma rede de Carmo do Paranaíba indo para São Gotardo, só tinha marca onde ia ser a rodovia nova que eles iam abrir. Tinha as marcas ali da rodovia e então eu tinha que seguir aquelas marcas para fazer a rede no local, porque a hora que fizesse a rodovia, a rede já estava lá na beira. O caminhão ia levar poste para nós, deixava na estrada velha. Aí eu tinha que caçar aquelas estradinha de fazenda, entrava, punha uns poste em cima do caminhão que eu trabalhava, levava, deixava uma certa distância ali, aí eles já pegava os poste e carregava pela picada afóra, dobrava o espigão, carregava muito longe. O pessoal reclamava bastante. Hoje em dia não arranja gente para fazer uns tipo de serviço daquele mais não. Mas naquela época o pessoal era muito bom de serviço. Emprego era muito difícil. A maioria das pessoa... tudo era gente assim quase analfabeto. Não tinha um emprego bom, então era obrigado a enfrentar aquilo. Tinha que ser forte, fraquinho não agüentava não. Tinha muitos que começava, trabalhava uns três dia e não voltava mais. Agora tinha aquela turma que acostumou. E quando tinha uma turma assim, já acostumada, já treinada, era bem mais fácil. Já estava com os ombro calejado. Aí agüentava serviço. No início era difícil, que era o ombro muito dolorido. Você pegava um poste daquele ali de dois, por exemplo, mas sempre pegava mais um pouquinho em um do que no outro, nunca pegava igual. Pegava o peso igualzinho se você andasse assim no asfalto certinho. Mas a hora que saía no mato, aí uma hora um estava lá embaixo, outra o outro estava. No início, o ombro era muito dolorido. Então essa pessoa que estava trabalhando se não tivesse muita opinião, firmeza mesmo, não agüentava não. Transportava era caminhão. A CTBC tinha um GMC 1952, tinha o reboque, engatava na carroceria, trazia os poste em cima. A CTBC naquela época era pobre, estava iniciando. Quando ia buscar poste era só eu e o Chiquinho. Lá, nós arrumava mais gente para ajudar nós, porque aquilo era tudo na mão mesmo. Aqueles poste de aroeira pesado para pôr em cima do caminhão, tudo era na mão. Quando a gente chegava, o pau já estava cortado. A CTBC comprava os poste já preparado, lavrado, de madeira, já pronto. Tinha viagem que vinha quinze poste só; caminhãozinho pequeno e velho ainda, então trazia muito pouco. Ficava muito cara uma viagem dessa. Era uns dois dias para ir e para voltar, para descarregar. Eram muitas viagens tinha que dar. O Chiquinho já era casado, eu ainda era solteiro. Nós trazia uma viagem, descarregava, por exemplo, em Ituiutaba. De lá mesmo nós já voltava, ia buscar mais. Às vezes, passava um mês, até mais, sem vim aqui em Uberlândia. Linha física A rede era uma operação para poder resolver. Era muito difícil. Porque antes, quando eu comecei na CTBC, as redes velhas eram muito ruim. Daqui para Itumbiara, de certa altura de Monte Alegre para a frente, era um fio só. Para você falar daqui em Itumbiara era um arame de ferro, aqueles postezinho baixinho, era muito ruim as redes. Depois é que a CTBC já foi construindo, fazendo as rede boa, com os postes mais alto com fio de cobre, depois de alumínio. Mas as rede, primeiro, quando a CTBC pegou acho que o lugar que falava era Itumbiara, Tupaciguara; mas essas outras, Monte Alegre, essas outra cidadezinha, nenhuma comunicava. A comunicação no Prata a primeira vez foi a primeira rede que eu fiz para a CTBC, eu fiz do Trevão ao Prata. O Prata já tinha telefone, aqueles telefone antigo, de magneto, mas não falava para lugar nenhum, era só dentro da cidade mesmo. Muitas firma que vai construir rede tem o engenheiro, os projeto, tudo. Agora nós não tinha nada disso não. O engenheiro era a gente mesmo. Era eu mesmo que marcava onde ia passar a rede. A distância dos poste. A margem da rodovia, por exemplo, tinha que ser um metro, um metro e meio distante da cerca da rodovia e ali a gente mesmo é que fazia os alinhamento, marcava, passava. Tinha que abrir a picada primeiro. Primeiro de tudo, era roçar, fazer a picada. Quando era lugar que as prefeitura ajudava, às vezes a prefeitura fazia a picada primeiro, aí depois a gente ia só para fincar os poste, fazer a rede. Mas tinha lugar que não. Era nós mesmo que chegava e já ia começar. Igual de Ituiutaba para Santa Vitória, por exemplo; cheguei, nós teve que começar tudo e ali o serradão era bravo. Tinha cada sucupira dessa grossura. Tinha que cortar tudo. E depois que roçava aquele mato, ficava alto

assim cortado. A gente tinha que andar no meio daqueles mato carregando poste nas costa. O equipamento era todo simples. Soltar os fio, por exemplo, era umas roda, uma desenroladeira simples, que eles fabricava na CTBC mesmo. O Sebastião fabricava e nós usava para desenrolar fio. Quando é lugar da terra macia, esses terreno arenoso, então era muito bom de furar buraco. Em um instante furava um buraco, fincava aí trinta, quarenta postes, até mais. Mas, conforme o lugar, não chegava nem isso, nem na metade, porque furar um buraco até chegar na fundura de fincar um poste dava um trabalho danado. Lugar, às vezes, de muita pedra, terra muito dura é difícil. Tinha lugar que o serviço rendia e muito. Igual quando eu fiz essa para o lado de São Gotardo; depois, de São Gotardo a Campos Altos, depois de Campos Altos à Luz, até Bom Despacho; lá o serviço rendia muito. É um local bom de trabalhar, tanto para fincar os poste, quanto para puxar os fios depois. Então rendia muito esse serviço. Quando chegava à tarde nós tinha feito um serviço. Essa linha, para botar ela em pé, deve ter sido uns seis, oito meses, mais ou menos. Em algum lugar, eles já tinha colocado aqueles DHF. Aquilo era muito ruim também. Era pior do que a linha física ainda, mas algum lugar às vezes já falava. Eles falavam um dia, dois, ficava três, quatro isolado; aí com a linha física, pelo menos era só quando caía raio, essas coisas, que ela parava. Funcionava bem. Essas rede novas que nós foi construindo depois era muito boa, funcionava muito bem. E além da gente puxar a linha física, eles colocavam equipamento nela que, às vezes, em um circuito de linha transformava em doze circuito, então podia falar doze pessoas de uma vez. Era um equipamento para duplicar a capacidade da linha física e aplicava na própria linha. Você puxava uma linha, por exemplo, um circuito que era dois fio. Em cima daquelas linha, eles colocavam um equipamento neles que transformava, aumentava a capacidade da linha. Com uma linha daquela, com um circuito daquele transformava ela em muitos. Por exemplo, usava na CTBC e usava no local que tinha ela igual. Se fosse em Itumbiara, tinha na ponta da linha aqui na CTBC e na ponta da linha lá em Itumbiara. Isso era do DG em DG, o centro de distribuição. Foi melhorando bastante. Muitos lugares que não tinham comunicação para lado nenhum, nós foi levando rede e já passou a comunicar com o mundo. Assim que a gente ia construindo, a gente já ia deixando ela ligada. Se eu começasse ela no Carmo do Paranaíba, por exemplo, ela já ficava ligada no Carmo do Paranaíba. Eu já tinha aqueles ponto que, se eu precisasse ligar, eu vinha ali e ligava lá da estrada. Se eu estava aqui em Uberlândia, então o Alexandrino mandava: "Você vai para Pará de Minas; vai construir uma rede em Pará de Minas para Pequi, Maravilha". Mas eles não iam lá para falar onde você vai passar a rede. Eu que tinha que ver por onde eu ia passar a rede, o local mais fácil. Quando não era rodovia, era essas estradas simples. A gente procurava pôr os poste mais perto da estrada possível. Para o caminhão poder levar e porque o lugar que já tinha rodovia, já tinha a cerca, tinha tudo. Agora, quando não tinha, igual eu fiz de Iturama até Paranaíba, fincava os poste na beirinha da estrada. A prefeitura primeiro fez a picada beirando a estrada, que é a estrada estreitinha; tinha estrada que tinha lugar que para você cruzar um caminhão com outro era bem difícil. Então a gente já aproveitava o máximo ali bem perto, para ficar mais fácil para a gente. Então era assim. Construía assim. Só que, quando tinha rodovia, a gente tinha que obedecer aquela distância, do centro da rodovia à faixa. Quando era uma estrada simples, aí não. A gente punha onde a gente visse que dava certo. Se era uma estrada muito cheia de curva a gente ia atalhando. Mas sempre assim, margeando a beira da estrada. Era mais fácil para trabalhar e mais fácil para depois olhar a linha quando ela desse defeito. Quando tinha que passar em terra dos outros, alguma fazenda dos outros, aí a gente passava sem ordem e muitas vezes tinha que arrancar os poste de novo que eles não aceitava. Lá para os lados de Patos de Minas aconteceu isso. Eles passaram poste em fazenda sem pedir autorização. Inclusive o Olegário teve que ir em uma fazenda para resolver o problema com fazendeiro. Nós atalhou a rede na terra dele, no meio de uma roça que ele tinha, e ele achou ruim. E o homem, acho que era muito valente. O Olegário foi lá, foi com muito medo conversar com o homem, mas depois resolveu. Porque muitas vezes, nas estrada muito cheia de curva, a gente tinha que atalhar, senão a rede ficava muito torta, muito cheia de curva. Tinha lugar que eu ultrapassava a cerca. Foi igual essa lá perto de Lagoa Formosa; essa nós teve que ultrapassar a cerca e atalhar, porque a rodovia fazia uma curva depois voltava e, além disso, tinha um mato, uma mata fechada na beira da rodovia; então nós passou por trás daquela mata. Mas só que eles tinha que ir lá, conversar primeiro, pedir autorização do homem. Eles deixava tudo por conta da gente, a gente chegava e... ia ver o que vai dar. Às vezes tinha que roçar. Um região aqui, do Triângulo Mineiro para baixo, não tinha problema não. Você roçava, ninguém falava nada. Mas para esses lado de Alto Paranaíba, aí nossa, se você cortasse um raminho na terra de um lá, eles achava ruim mesmo. Não podia cortar nada. Agora, passar uma rede sem fazer a picada não tinha como. Depois o chefe ia lá, conversava com o dono, eles se entendiam. No fim, concordava. A gente põe um rolo de fio, então puxava ele até acabar. Puxava até para não torcer, não ser preciso de ficar cortando muito, fazendo emenda. Mas quando pesava demais, muitas vezes não dava; o jeito era cortar mesmo. Às vezes a gente estava com pouca gente, porque foi ficando muito difícil depois, porque depois foi surgindo mais emprego, muitas barragem, então foi ficando difícil arrumar gente para trabalhar na CTBC nessas rede. Aí já não arrumava fácil, a gente trabalhava com muito pouca gente. O pessoal ia para as barragem. Pagava mais bem essas barragem. E a gente não arrumava gente para trabalhar não. Na hora de carregar os postes juntava todo o mundo. Tinha poste que para levar lá no local de fincar tinha que juntar todo mundo. Muitas vezes tinha até que ir arrastando que não dava conta de carregar. Poste muito pesado, lugar muito acidentado, cheio de morro, cheio de buraco. Tinha lugar que a gente tinha que levar poste naqueles alto de morro, lá em cima; lugar que não tinha jeito de entrar com caminhão, era levado na mão mesmo. Em média, um poste de aroeira pesava eu acho que era uns 200, 300 quilos. Tinha mais gente quando era poste muito grosso. Quando vinha um morro para subir era muito difícil. Igual eu fiz rede lá para o lado de Luz. Aquela serra de Luz ali. Eu finquei poste naquelas serra, naquelas morro, naquelas montanha tudo ali. Pará de Minas indo para o lado de Pequi, Maravilha... Fixação de postes Os postes que eram de sete metros, por exemplo, a gente fincava ele um metro. Agora, os mais compridos, de nove metros, aí já era de um metro e trinta, um metro e quarenta acima. Dependendo do comprimento do poste fincava mais fundo. Quando o terreno era plano, a linha dos postes ficava retinha, ficava certinho. A distância era a mesma. Só quando a gente ia fazer uma rede, essas rede menor assim, que os poste era mais baixo, aí então, a gente punha os vão de um poste no outro, 60 metros. Que não era para o fio não cair muito, para a rede ficar mais alta. Para subir nos postes nós só usava escada mesmo. Nos poste de aroeira era escada e nos poste de trilho a gente usava espora para subir. Tinha que carregar a escada também. Existia espora para poste de madeira, mas na telefônica não tinha, só usava escada mesmo. Essa espora é o tipo de uma abraçadeirainha, que o trilho tem aquele vinco de um lado e do outro assim. Então, a espora pegava ali naquele vinco, firmava, você encaixava ali, firmava e punha o peso do pé, ia subindo. Subia até sair lá em cima. Era muito prático, era muito melhor do que carregar a escada no meio dos mato. Alinhamento Não tinha nada, nem medição, nem aparelho, era tudo no olho mesmo. Você pegava uma reta, por exemplo, e aí ficava bom. Qualquer engenheiro fazia um alinhamento daquele. A gente apanhou prática assim, para aprumar os poste e fazer o alinhamento. A direção era sempre às margem de rodovia. A gente pegava também pela rodovia, quando ainda não tinha a cerca. Porque muitas das rodovia novas ainda não tinha cerca. Então a gente media do centro ali da rodovia até lá, onde ia ser a cerca, para a gente fincar o poste. A distância dependia da rodovia; alguma vez dava 45 metros do centro lá na cerca, outras vezes era menos. Na rede de linha física, a média era de 80 metros de um poste no outro. Algum lugar às vezes punha de menos, 40 metros, outros 60 metros, era essa média. Era 40, 60 ou 80 metros. Mais de 80 não podia. A não ser em algum lugar montanhoso, por exemplo. Às vezes dá um poste aqui, depois tem aquele muito baixo; aí para pôr o poste lá no alto a distância tinha que ser mais um pouco. Agora, o alinhamento. A gente

fincava um poste primeiro ali, na medida certa. Aí fincava o outro segundo, já a gente fazia a base que nem entrando para o lado da rodovia, nem saindo para o lado do mato. A gente ia com os baliza. A gente cortava uma varas, umas varas certinha e balizava primeiro. A gente ia com as vara balizando, ficando, pondo elas todas em um alinhamento certinho. Aí depois é que vinha furando os buraco e pondo os poste. Com os poste de trilho se tornou mais fácil porque eles era retinho. Já com os de aroeira, às vezes o poste era muito torto. Você punha o poste lá, o pé dele ali está certo o alinhamento, mas talvez a ponta já saía fora. Isso não era problema para a rede, mas ficava feio, ficava uma rede feia. Depois que abria a picada é que vinha fazer o balizamento com aquelas varas, as balize, para depois fincar os poste, para não sair fora. Senão você começa, vai reto e, às vezes, uns dez poste... Às vezes é um lugar que tem uma reta igual essas rodovia. Tem lugar que tem casebre que some de vista. Mas, às vezes, você começa ali, finca uns dois, um poste fora, você consegue pôr ele, vai fugindo do alinhamento. A função dessas balizas era não sair fora do alinhamento. Entre um poste e o outro não fincava nenhuma vareta, era só no local do poste. Aonde fincava a baliza certinha, ali vinha furar o buraco, tinha que ser aquela baliza o centro do buraco. Tinha que furar o buraco ali. E tirava alinhamento das balizas era no olho. A gente ficava aqui e mandava uma pessoa na frente. Para fincar a segunda. Depois a gente mesmo já ia; se eu começava daqui para cá assim, aí começava aqui e ia pulando a baliza. Quando já estava essa turma mais prática, às vezes, eu ficava mais por conta de aprumar o poste; pôr no prumo, o alinhamento da cruzeta certinho. Então eu já ficava mais por conta disso. Já tinha alguém que já praticava, porque sempre aparece alguém mais inteligente, que ajuda a gente muito nesses ponto. Daí ficava mais fácil. Não precisava mais ajudar a carregar poste, não precisava de furar buraco. Já não é igual quando quando ia trabalhar fora, por conta de prefeitura, e muitas vezes eu tinha também que furar buraco, ajudar levantar os poste porque eles não dava conta, não tinha prática. Para fazer esses alinhamentos é só ter um bom olho: "Esse negócio está fora do prumo". Pode chegar no olho assim... a gente vê. O Alexandrino para isso era bom também no olho. Se a gente fincasse um poste, se ele tivesse meio fora de prumo um pouquinho, ele olhava: "Ah, esse poste está fora do prumo. Pode aprumar ele direito". E no alinhamento também ele era bom. Se a gente fizesse errado, ele chegava, batia o olho, falava: "Não, isso está errado, está fora do alinhamento". Tinha que corrigir. Fim da linha física. Aí foi acabando as linhas físicas, o povo começou a roubar os fios, foi vindo o microondas, essas linhas, esses rádio. Começou em Patos. Mas lá em Patos fez uma rede, montou uma torre lá no alto, fora da cidade. Aí tinha que descer linha física, fio nu lá da torre até na CTBC. Ia no alto até na torre, mas depois pegava os fio para a CTBC. Mas aquilo acho que não deu muito certo, dava problema demais, foi acabando, foi melhorando... Dava problema mais no rádio do que no fio. O rádio também parece que estava em fase de teste ou dava muito problema também, mas o fio também dava porque não combinava. Para combinar, ligar para ele passar de um rádio para uma linha física já dava muita interferência, muita confusão. Acho que é aonde não funcionou bem. Eles começou o roubo nos fios de cobre, depois passou a roubar o alumínio também. Acabou. Acho que não existe mais. Por fim, eu estava trabalhando já assim, em manutenção. Ainda tinha bastante linha física aqui que eu olhava. Muitas linha de fazenda, acho que até aquela depois que eu saí, acho que foi, acabou tudo.

COMUNIDADES

Alexandrino Garcia No primeiro dia que eu fui trabalhar, cheguei lá na CTBC, na João Pinheiro, procurei pelo Alexandrino e ele estava lá conversando com as telefonista. Procurei ele, ele falou: "Você vai, combina com o Chiquinho, vai trabalhar com o Chiquinho". O Chiquinho estava lá na telefônica também. A conversa dele foi só aquela: "Você combina com Chiquinho lá, você vai trabalhar com ele". E aí foi o primeiro contato. Depois disso, já passou a responsabilidade nas minhas mãos. O caminhão já pôs na minha responsabilidade e, mesmo tocando serviço, aí o contato era só com ele. E já começava as briguinha. O Alexandrino era muito exigente, era difícil. A gente tinha que ter muita paciência mesmo. Ele tinha que ser exigente, porque se não a firma não tinha crescido igual cresceu. Ele era muito exigente e todo tanto que a gente fazia, trabalhava, ele achava que tinha que fazer mais um pouco ainda. Nunca que ele falava: "Está bom, está beleza". Ele falava: "Está bom, mas pode fazer mais um pouco". Era muito exigente. Isso me incomodava. Incomodava porque eu era meio sistemático também. Quando a gente via ele chegando já pensava: "Já vem bronca por aí". Mas até que deu para conviver bem, que eu trabalhei muitos anos com ele. Teve uma época em São Gotardo, o Dr. Luiz mandou eu fazer um serviço de um jeito. Passou uns dia, o Sr. Alexandrino foi e aí ele ficou muito bravo... Mas ele ficou bravo comigo, sendo que era o Dr. Luiz que tinha mandado fazer daquele jeito. Mandou desmanchar tudo. Teve que desmanchar tudo porque não podia ser feito daquele jeito. Então era esse desentendimento assim. Mas eu almocei na casa dele diversas vezes. Quando ele estava assim na veia boa, era muito bom com a gente. Ele era franco. Tudo que ele tinha que falar, falava. Mas não era só para a gente que era empregado assim mais humilde. Era com qualquer funcionário ele agia assim. Mas era muito bom. Fora disso, a gente chegava na casa dele, era uma pessoa simples. Tem muitos patrão que nem dá bola para empregado. O Alexandrino nesse ponto era muito bom. É... nós tinha amizade, às vezes até viajou junto. O Alexandrino costumava ir lá na construção da linha. Ia direto. Ele ajudava a gente até levantar poste, fincar poste. Ele ajudava. Você ia carregar um caminhão, ele ajudava. O Alexandrino agarrava mesmo. O Dr. Luiz também. O Dr. Luiz ajudou até puxar fio. Um dia, ele e o José Leonardo o cunhado dele ajudou nós a puxar uns fio na estrada. A turma não estava dando conta porque já estava ficando pesado e ele foi lá na frente, agarrou com eles lá e ajudou até acabar o rolo de fio. Ele tinha que puxar até acabar aquele rolo de fio. Eles ajudava também. Não tinha esse negócio não. Chiquinho Eu mais o Chiquinho nós sempre demos muito certo para trabalhar junto. Ele era meio nervoso, sistemático, mas parece que desde o início... que as nossas natureza parece que já combinou. O tempo que eu trabalhei com ele, nunca tive nada a reclamar dele. Ele me ensinou, tinha muita paciência. Eu tinha muito medo de pegar o caminhão, porque era na responsabilidade dele. Então, na primeira viagem que fizemos, ele já me perguntou se eu tinha vontade de aprender dirigir caminhão. "Ah, eu tenho". Aí ele falou: "Se você for continuar trabalhando comigo, vou te ensinar". E ensinou com muita paciência; eu pegava com muito medo, com medo de esbarrar o caminhão em alguma coisa. Porque era estrada de terra, muito cheia de buraco, no meio dos matos, mas eu aprendi. Em um instante eu consegui aprender e também fui aprendendo. Tirei a carteira de motorista, e nós deu muito certo. Quando nós parou de puxar os postes, aí nós já foi construir rede também junto. Então nós deu muito certo para trabalhar junto.

LOCALIDADES

Araguari Araguari, naquela época, eu acho que ela era maior que Uberlândia. O motivo eu não sei que Araguari cresceu um pouco no início e depois... Acho que os político de Araguari toda vida foi muito fraco. Os prefeito nunca... Eu acho que o próprio local também... Araguari não desenvolveu muito. Nem por Araguari peguei certa afeição. Depois que eu casei é que eu morei em Araguari. Mas aí eu já trabalhava na CTBC e era só viajando. Eu vinha em casa de quinze em quinze dias, passava mais tempo fora. Não fiquei muito em Araguari, mais era viajando. E também eu não fiquei fixo lá. Até que eu não conheço muita gente de Araguari porque, naquela época, eu quase não parava lá. Vinha fim de semana, chegava no sábado, às vezes no domingo à noite já tinha que viajar. Era isso. Uberlândia Uberlândia cresceu e Araguari parou. Eu lembro a primeira vez que eu vim aqui em Uberlândia, o meu pai era vivo ainda, eu vim com ele, que ele já estava fazendo tratamento. Lembro

aqui que era tudo cerrado. Onde era a estação, onde era a Praça Sérgio Pacheco, para cima da estação, era tudo cerrado, tudo mato ainda. Araguari, aquela época, era maior que Uberlândia. Aí depois, Araguari parou e Uberlândia cresceu.

MEMÓRIA

Centro de Memória Bom a gente lembrar, recordar as coisa que a gente fez, que a gente passou. E o tempo bom também, alguma coisa boa que tem.. Muito bom.